

A inscrição do escaravelho de Psamético I, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Novos elementos para a sua interpretação

Ingrid Gamer-Wallert *
António Cavaleiro Paixão **

Resumo

Novo contributo para a interpretação da imagem híbrida representada na inscrição do escaravelho com o nome de Psamético I, encontrada na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Idade do Ferro), durante as escavações aí realizadas em 1925 por Virgílio Correia.

Résumé

Une nouvelle contribution pour l'interprétation de l'image hybride représentée dans l'inscription d'un scarabée, attribuée à Psamétique I, trouvée dans la Necrópole de l'Olival do Senhor dos Mártires (Âge du Fer) au cours des fouilles de Virgílio Correia en 1925.

* Universidade de Tübingen.

** Instituto Português do Património Cultural (Departamento de Arqueologia).

Em 24 de Março de 1925, numa sepultura da Necrópole pré-romana do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, foi achado, durante as escavações ali efectuadas pelo Professor Virgílio Correia, um pequeno escaravelho, de massa, portador de uma inscrição hieroglífica¹. Esta descoberta imediatamente despertou a curiosidade de numerosos arqueólogos nacionais e estrangeiros sobretudo daqueles que mais ligados estavam à investigação da Proto-história peninsular e ao estudo das deslocações de povos ao longo das costas mediterrânica e atlântica, durante o primeiro milénio antes de Cristo.

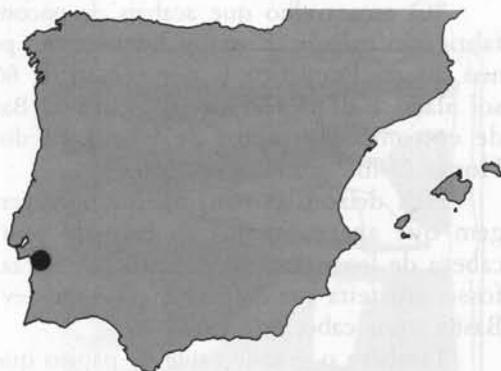


Fig. 1 — Localização de Alcácer do Sal na península Ibérica.

A celebridade deste testemunho arqueológico devê-se, sobretudo, ao facto de, nessa altura, ter sido considerado um dos mais antigos do seu género encontrados na península e o primeiro referenciado em Portugal, susceptível de uma datação segura.

¹ CORREIA, V., *Um amuleto egípcio da necrópole de Alcácer do Sal*, "Terra Portuguesa", V, 41, Lisboa, 1925.

Ostentando na face inferior, de forma inequivocamente legível, o nome de Horus, de Psamético I, que, como se sabe, ocupou o trono do Egipto de 663 a 609 a.C., é muito provável que tivesse sido fabricado durante a vigência política do mesmo faraó embora não possamos, de modo algum, esquecer que, por vezes, a utilização dos mesmos motivos e nomes se mantinha, durante longos anos após a criação dos padrões originais.

O escaravelho de Psamético I, considerado, embora, desde há muito, um ponto assente na investigação arqueológica peninsular, continua ainda hoje a suscitar algumas dúvidas sem resposta, uma das quais diz directamente respeito ao contexto em que surgiu, que, apenas sumariamente descrito por Virgílio Correia, não nos permite a sua integração estratigráfica segura o que torna difícil responder ao problema de quando é que o mesmo escaravelho, com toda a probabilidade fabricado no Egipto durante a segunda metade do século VII a.C., teria chegado à península Ibérica.

Sobre esta questão apenas o prosseguimento das escavações arqueológicas da necrópole nos permitirá, eventualmente, lançar alguma luz sobre o assunto. Ao egiptólogo caberá, porém, pronunciar-se sobre uma outra questão directamente relacionada com a inscrição existente na face inferior do escaravelho em causa que sendo, porventura, menos essencial, permaneceu, até agora, em suspenso.

Na primeira publicação feita acerca deste escaravelho² cita aquele arqueólogo a opinião do então director do departamento egípcio do Museu Britânico de Londres e perito em escaravelhos, professor H. R. Hall. Permite-se-nos aqui transcrevê-la mais uma vez, dado que contém, praticamente, quase tudo o que até hoje tem sido dito por parte dos egiptólogos sobre o mesmo objecto:

“O escaravelho que acabais de encontrar em Alcácer do Sal é egípcio, de fabricação egípcia. É muito interessante, porque é um escaravelho contemporâneo do rei Psamético I, que reinou de 663 a 609 a.C. Independentemente do sol alado e da deusa Sokmit (leoa) ou Bastet (gato) vê-se no desenho o nome de entronização (nome de Horus ou do gavião) de Psamético como segue: Horus O-ib “grande de Coração”.

Hall deixou, porém, na sua peritagem uma questão sem resposta: a imagem que aparece junto ao lado do nome real representará Sechmet com a cabeça de leoa, divindade que poderia trazer guerra e peste ao Egipto, caso não fosse satisfeita no culto que lhe era devido, ou tratar-se-á antes da pacífica Bastet com cabeça de gata?

Também o grande caule de papiro que a imagem, representando um felino, segura com uma das mãos, à maneira de ceptro, é característica de ambas as divindades, o que não facilita a resolução do problema.

Com efeito, à primeira vista o mesmo parece insolúvel, pois, as duas divindades são demasiado análogas na iconografia para que se consiga facilmente distingui-las em objectos de pequenas dimensões como é o caso dos escaravelhos e das pequenas placas de osso, marfim ou cerâmica, a não ser que

² CORREIA, V., *op. cit.* (v. nota 1).

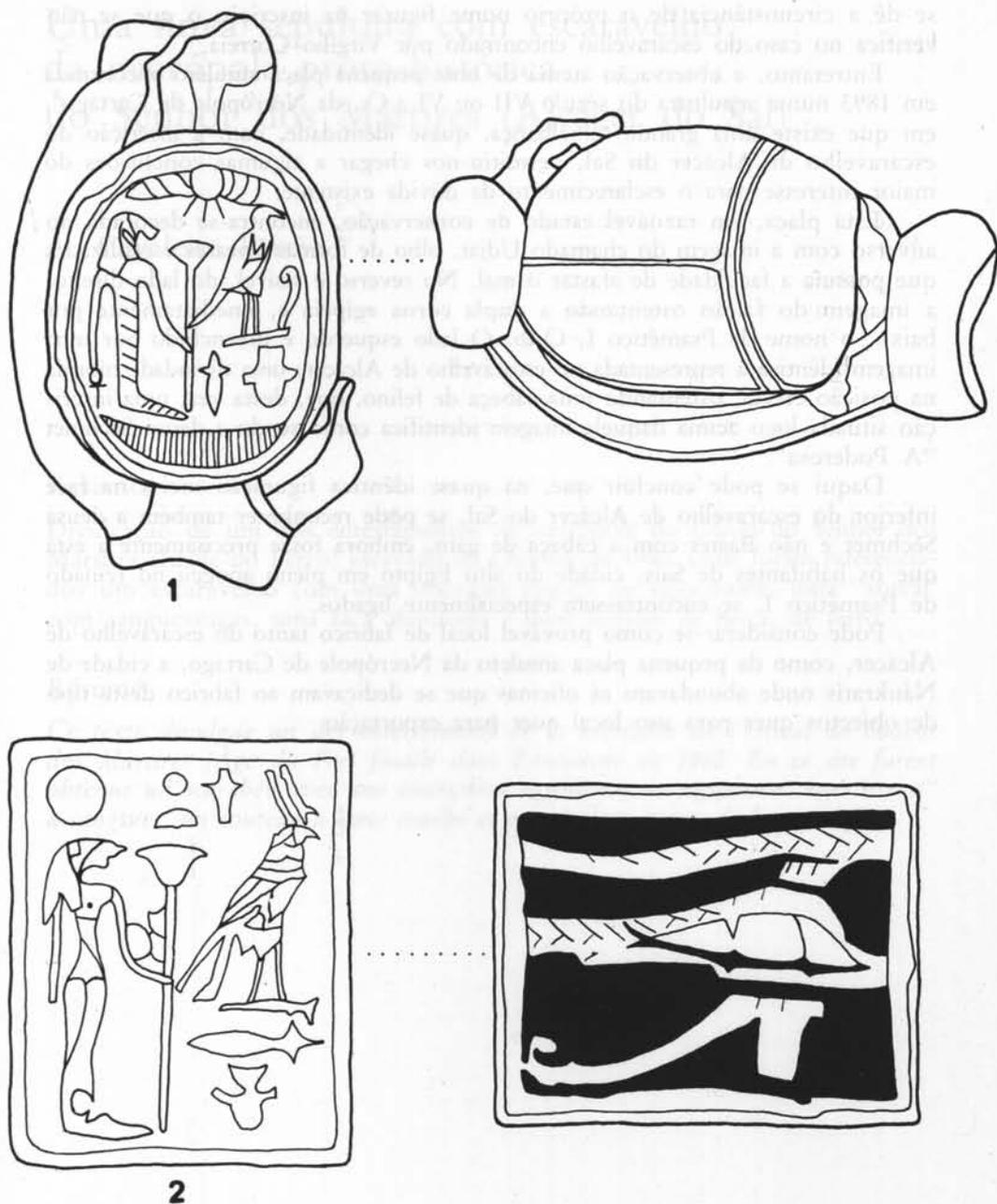


Fig. 2 — Escaravelho encontrado na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires por Virgílio Correia; placa de osso ou marfim inscrita, proveniente de Dermech I — Douimès, Cartago. Esc. 4:1.

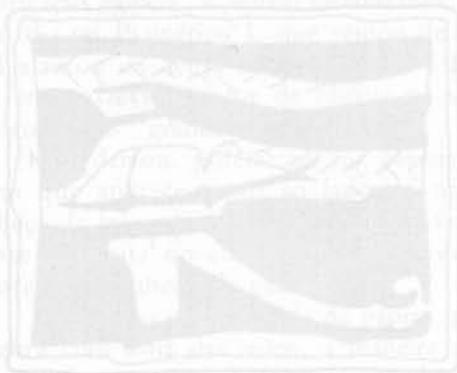
se dê a circunstância de o próprio nome figurar na inscrição o que se não verifica no caso do escaravelho encontrado por Virgílio Correia.

Entretanto, a observação atenta de uma pequena placa amuleto encontrada em 1893 numa sepultura do século VII ou VI a.C., da Necrópole de Cartago³, em que existe uma grande semelhança, quase identidade, com a inscrição do escaravelho de Alcácer do Sal, permitiu-nos chegar a algumas conclusões do maior interesse para o esclarecimento da dúvida existente.

Esta placa, em razoável estado de conservação, encontra-se decorada no anverso com a imagem do chamado Udjat, olho de formas lineares e estilizadas que possuía a faculdade de afastar o mal. No reverso é visível, do lado direito, a imagem do falcão ostentando a dupla coroa egípcia e, imediatamente por baixo, o nome de Psamético I, O-ib. O lado esquerdo é preenchido por uma imagem idêntica à representada no escaravelho de Alcácer: uma divindade híbrida na posição erecta, ostentando uma cabeça de felino, que, desta vez, uma inscrição situada logo acima daquela imagem identifica como sendo a deusa Sechmet “A Poderosa”.

Daqui se pode concluir que, na quase idêntica figuração incisa na face inferior do escaravelho de Alcácer do Sal, se pode reconhecer também a deusa Sechmet e não Bastet com a cabeça de gato, embora fosse precisamente a esta que os habitantes de Sais, cidade do alto Egipto em pleno apogeu no reinado de Psamético I, se encontrassem especialmente ligados.

Pode considerar-se como provável local de fabrico tanto do escaravelho de Alcácer, como da pequena placa amuleto da Necrópole de Cartago, a cidade de Náukratis onde abundavam as oficinas que se dedicavam ao fabrico deste tipo de objectos quer para uso local quer para exportação.



³ VERCOUTTER, J., *Les objets égyptiens et égyptisants du mobilier funéraire carthaginois*, Paris, 1945; *Descrição da África do Norte. Museus e Coleções arqueológicas da Argélia e Tunísia*, Museu Lavigier de S. Luís de Cartago, I, Paris, 1899.